



A terra que renasceu: Manejo agroflorestal e novas culturas consolidam a autonomia de Lucilene e Toim

Há quase duas décadas, o agricultor Antônio Braga Mota, 55 anos, popularmente conhecido como Toim, e sua esposa Lucilene Azevedo, 52 anos, transformaram radicalmente o sistema de produção em sua propriedade na comunidade de Bueno, zona rural de Irauçuba (CE), ao substituir o uso do fogo por técnicas sustentáveis de manejo agroflorestal e quintais produtivos. A mudança, iniciada em 2007 após o acesso a projetos de capacitação socioambiental, permitiu que a família, estabelecida há 30 anos no mesmo local, superasse a dependência do cultivo exclusivo de milho e feijão e passasse a produzir frutas diversificadas e mel, além da criação animal, garantindo a segurança alimentar e a geração de renda familiar.

A transição agroecológica alterou a paisagem e a dinâmica de trabalho onde o casal criou seus dois filhos, Vitória Azevedo e José Henrique Azevedo. Lucilene recorda o cenário anterior ao início das capacitações: “No quintal que a gente morava era só mato. Desde que o Toim foi participando desses projetos, ele já foi tendo outra visão, né?”. A mudança exigiu o abandono de práticas transmitidas entre gerações no semiárido para a construção do Sistema Agroflorestal (SAF) da família.



“A gente aqui na comunidade sempre foi agricultor de queimada. Meu pai queimava tudo pra fazer o roçado. Desde 2007, com os projetos de quintais produtivos, agroflorestais, a gente passou a trabalhar de uma forma diferente. Até hoje, está com quase 20 anos que a gente tem uma prática diferente, um novo modelo de manejo de solo. A gente não queima mais, não usa veneno e ta com cobertura de solo. Como vocês estão vendo aqui, um espaço bastante coberto, rico”, explica Toim.

A recuperação da fertilidade da terra permitiu a introdução de uma vasta variedade de culturas. Atualmente, o quintal reúne espécies como banana, ata, manga, acerola, graviola, cana-de-açúcar, coco e goiaba, além de experimentos bem-sucedidos com vegetais não nativos da região. “As plantas frutíferas aqui estão num excelente estágio porque o solo está preparado pra elas. Você vê aqui que tem algumas plantas que nem daqui são, mas a gente ta conseguindo produzir”, observa o agricultor, que introduziu cultivos de pitaya e cacau na propriedade. Para Lucilene, cuja trajetória sempre foi ligada ao campo, a rotina de trabalho é dividida com o marido: “meus pais são agricultores, desde que nasci eu tenho essa visão”. Enquanto Toim cuida do sistema agroflorestal, ela realiza o beneficiamento dos frutos. “Gosto de inventar receitas”, relata sobre a confecção caseira de polpas, sucos e bolos.

A evolução do sistema produtivo refletiu-se na melhoria da qualidade de vida e no fortalecimento dos laços familiares com o trabalho rural. “Aprendi a não desmatar. Dessa forma, taí, não precisa queimar, nem colocar veneno. A diversidade é grande de cultura”, pontua Toim, sintetizando: “agora mudou tudo, a forma de trabalhar”. Lucilene reforça a amplitude do impacto vivenciado no quintal: “Quando o Toim fala que mudou tudo, é tudo mesmo. De primeiro, você queimava, plantava o milho, o feijão e quando acabava, pronto.” A agricultora acrescenta que “antes era só o feijão e o milho, agora não, tem diversidade com coisas que servem pro consumo da gente”. Lucilene ainda ressalta que “aumentou o amor pela terra, aumentou o amor por ele (Toim)”.



Além de alimentar a família, a comercialização da produção tornou-se muito importante para a sustentação financeira da propriedade, que também integra a criação de porcos, galinhas, vacas e ovelhas. “Quando tem excedente a gente vende pra feira. Às vezes os vizinhos levam, pra não deixar estragar. A gente tem que se organizar, estamos fazendo feirinha de mês em mês, também (é preciso) incentivar os outros agricultores a produzir dessa forma, pra gente produzir alguma coisa e ir ajudando na renda familiar”, ressalta Toim. O agricultor reforça que a família precisou aprender a gerir o fluxo de vendas para garantir a viabilidade econômica do empreendimento agroecológico.





A apicultura e a ampliação do acesso à água vieram para melhorar ainda mais o sistema de Toim e Lucilene. A propriedade conta com 20 colmeias voltadas à produção e comercialização de mel na própria região. “A abelha vem pra somar. Uma das melhores coisas que tem pra dar dinheiro pro agricultor. Duzentos litros de mel a gente vende na comunidade bem ligeirinho”, afirma o agricultor, completando que “a abelha ela vem somar dentro do sistema. Ela vem pra somar nas florestas.” A água para manter as criações e os plantios em períodos de estiagem foi fortalecida com a chegada da cisterna de segunda água, conquista celebrada pela família, fruto de uma política pública importante do Programa P1+2: “era um sonho nosso. Daqui há uns dois, três anos a gente quer ser referência no nosso município.”, projeta Toim.

O êxito da experiência agroecológica influencia diretamente os projetos dos filhos, criados na agricultura. Enquanto o filho José Henrique, 28 anos, concilia os trabalhos no campo com o lazer, a filha Vitória, 19 anos, planeja cursar graduação em Agroecologia. Com a perspectiva de continuidade do trabalho, o casal projeta o futuro com permanência definitiva na comunidade de Bueno. “Meu sonho é ampliar mais e ir trabalhando até quando deus quiser.”, conclui Toim. O sentimento é compartilhado por Lucilene: “não penso em sair daqui, só peço saúde a Deus pra continuar”.